

Ponte para os solitários da América Latina

Prof. Dr. Alexandre Barbosa

Maio de 2017. O livro ***Cem Anos de Solidão***, do escritor e jornalista colombiano Gabriel García Márquez completa 50 anos de sua primeira publicação. Essa é uma efeméride, valor-notícia que, de acordo com Nelson Traquina (2005), aumenta a “noticiabilidade” de um acontecimento. Ou seja, no processo de seleção e construção das notícias, diante de uma efeméride redonda como essa, a tribo jornalística considera este fato relevante o suficiente para se tornar uma notícia.

Apenas essa característica do cinquentenário da obra já seria suficiente para torná-la conteúdo de estudo da disciplina **Conceitos e Gêneros do Jornalismo**, ministrada no Departamento de Jornalismo e Editoração da Universidade de São Paulo no primeiro semestre de 2017. Mas essa não é uma efeméride qualquer. A publicação de *Cem Anos de Solidão* ao mesmo tempo, coroa e dá início a um período singular da história contemporânea da América Latina, que começa com a revolução Cubana de 1959, passa pela resistência de Playa Gyrón, pelas resistências aos golpes na América do Sul, pela morte de Che Guevara na Bolívia no próprio ano de 67 e vai até a eleição de Allende em 1970.

Do ponto de vista cultural, a região viu crescer experiências inovadoras no cinema, no teatro, na música e na literatura que misturavam os marcos das culturas populares latino-americanas como engajamento e militância política. De Guarnieri a Violeta

Parra, o mundo viu maravilhado o surgimento do que depois ficou conhecido como “Boom Latino-americano” ou movimento do Realismo Fantástico.

Cem Anos de Solidão e Gabriel García Márquez são os mais notórios representantes dessa corrente literária que trazia relatos tão febris que não podiam ser classificados como reais: a peste da insônia que deixou toda a cidade sem dormir; um cigano que deixou pergaminhos indecifráveis e cujo quarto o tinteiro nunca secava; um rastro de sangue que percorre toda a cidade; 17 filhos marcados pela cruz da quarta-feira de cinzas assassinados uma a um; um velho coronel com suas 32 revoluções; uma mulher tão bela que ascende aos céus; uma cidade devastada ora por um dilúvio de quatro anos, onze meses e dois dias, ora por um vento abrasador; uma geração de Buendías, o primeiro amarrado ao tronco de uma árvore e o último devorado por formigas.

Mas não são só fantásticos. Todos juntos, lidos com o fôlego que a obra merece, esses relatos fantásticos são espelho da América Latina e sua história. Os intermináveis peixinhos de ouro do Coronel Aureliano Buendía (além das suas 32 revoluções), a mortalha de Amaranta e até os próprios nomes são a metáfora dos ciclos pelos quais passou e passa a América Latina. Ciclos que parecem condenar a região uma eterna solidão, como se realmente ela não tivesse uma segunda oportunidade sobre a terra: não tivesse uma segunda oportunidade de se emancipar, de caminhar com seus próprios braços e pernas sem a interferência do Norte.

Foram esses ciclos que condenam a América Latina à solidão que foram citados por García Márquez no seu discurso de agradecimento pelo Prêmio Nobel de Literatura de 1982.

Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes cotidianas, e que sustenta um manancial de criação insaciável.

vel, pleno de desdita e de beleza, e do qual este colombiano errante e nostálgico não passa de uma cifra assinalada pela sorte. Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandros, todos nós, criaturas daquela realidade desafiadora, tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque para nós o maior desafio foi a insuficiência dos recursos convencionais para tornar nossa vida acreditável. Este é, amigos, o nó da nossa solidão.
(MÁRQUEZ, 2011, p.27)

E se a América Latina segue solitária em suas lutas cotidianas, ainda maior é sua solidão quando se percorrem as páginas dos jornais ou os canais de televisão.

Cinco décadas depois da publicação Cem Anos de Solidão, a América Latina parece condenada, definitivamente, “a não ter uma segunda oportunidade sobre a terra”. Sufocada por políticas econômicas que reforçam a condição de periferia primário-exportadora, por classes dirigentes cada vez mais aliadas ao capital europeu e norte-americano, a região latino-americana foi varrida das manchetes dos jornais tal qual a fantástica Macondo foi varrida da História pela tormenta que veio do Norte. [...] A América Latina está ausente do noticiário. Não se encontram nas páginas dos jornais as histórias da América Central, as músicas dos pampas argentinos, as lutas na Selva Amazônica, a fome dos descendentes maias, a culinária andina, a literatura guatemalteca, a enxada do sertanejo. É como se a América Latina se resumisse apenas ao litoral e às grandes cidades. Ou, o que é mais grave, os meios de comunicação de massa assumem como América Latina apenas o que já foi chancelado pela indústria cultural hegemônica.
(BARBOSA, 2017, p. 11-37)

Jornalismo e literatura, assim, ganham mais intersecções que vão muito além do fato de García Márquez também ser jornalista. Como mostrou a pesquisa de mestrado defendida na ECA-USP, a produção jornalística, ao invés de aproximar, contribuiu para o afastamento do Brasil para o restante da América Latina. Se centenas de notícias vindas das agências são jogadas na lata de lixo pelas editorias de internacional dos veículos brasileiros (NATALI, 2004), parte considerável é descartada por falta de formação sobre as regiões às que elas se referem.

Não se estuda a América Latina. Seus autores não fazem parte das listas de vestibular das principais universidades brasileiras. Seus nomes na história das lutas populares não figuram entre os principais componentes curriculares. Do ensino fundamental ao superior.

Por isso, lembrar a efeméride dos 50 anos da publicação de Cem Anos de Solidão é também falar sobre as pontes que não foram criadas pela produção jornalística latino-americana.

O jornalismo na América Latina

Como nos volumes anteriores de *Jornalismo em Gêneros*, obra coletiva dos alunos da disciplina *Conceitos e Gêneros do Jornalismo*, jornalistas foram convidados para coletivas de imprensa. Neste terceiro volume todos os convidados são correspondentes estrangeiros que atuaram ou atuam no Brasil: Natalia Ramos Miranda, do Chile; Pablo Giuliano e Carlos Turdera, da Argentina, Waldheim Montoya, da Colômbia e Verónica Goyzueta, do Peru.

Suas histórias e suas visões do trabalho como correspondentes o leitor verá nos textos produzidos pelos alunos nos diferentes gêneros vistos na disciplina: na notícia, nos verbetes e nas reproduções das entrevistas realizadas dentro dos conceitos do gênero informativo; nos perfis que fazem parte do gênero interpretativo. Mas também nos textos opinativos que estão no caderno de crônicas.

O leitor deste livro também perceberá histórias em comuns.

A admiração pelo Brasil, tanto que, com exceção de Natalia Miranda, que já retornou ao Chile, todos eles estão muito bem adaptados ao Brasil e não consideram a possibilidade de volta num horizonte próximo. O abismo do Brasil em relação a seus vizinhos que se concretiza nos estereótipos e na lista de sensos comuns gerados aqui. E, o mais triste, a falta de iniciativas latino-americanas que fizessem circular jornalistas com mais neutralidade e frequência.

Foram os acontecimentos brasileiros dos últimos anos, que despertaram o interesse das agências internacionais de notícias que tornaram o Brasil atraente para o noticiário internacional. Quem dera fossem ações promovidas pelos estados latino-americanos de cooperação, intercâmbio cultural e solidariedade internacional que promovessem o fluxo de jornalistas, educadores, cineastas, escritores, dramaturgos, estudantes, trabalhadores talvez o fluxo de notícias não seria o mesmo constatado pelo relatório Mac Bride: do norte para o sul, do ponto de vista econômico, de leste para oeste do ponto de vista ideológico.

Crônica, um gênero latino-americano

Também como nos volumes anteriores, ao final deste livro, o leitor encontrará um caderno de crônicas. Desta vez os alunos foram desafiados a fazer crônicas baseadas ou nas coletivas com os jornalistas latino-americanos ou baseadas na leitura de Cem Anos de Solidão.

O resultado é emocionante. A América Latina ganha nova vida em cada uma das crônicas. As baseadas nas coletivas revelam o quanto o Brasil precisa conhecer mais sobre o continente em que está inserindo, se despir de preconceitos, ultrapassar o lugar comum e estudar mais a América Latina.

As crônicas construídas a partir da leitura de Cem Anos de Solidão pelos dos jovens estudantes sobre Cem Anos de Solidão vão mexer com corações e mentes. Tanto que até o professor-orientador, com anos de janela na leitura de textos, várias vezes

se viu em meio às lágrimas. Não porque as histórias fossem necessariamente tristes, mas pela magia de ver como esse clássico latino-americano pôde inspirar a redação desse gênero tão brasileiro e, por extensão, tão latino-americano.

Cem Anos de Solidão foi interpretado nas histórias das famílias, na repetição de seus nomes, na sua militância política, no impacto que sua leitura proporciona, no espelho que é da América Latina e na sua incrível capacidade de fazer a cada uma e a cada um se sentir latino-americano. Ninguém passa sem ser marcado pela leitura da obra de García Márquez e essas marcas estão impregnadas nos textos das crônicas.

Este livro é, portanto, uma homenagem à América Latina por meio de uma de suas principais histórias. É uma tentativa de diminuir um pouco sua solidão, de criar uma ponte entre os solitários, de tornar o sonho de Bolívar um pouco mais real, nem que seja nas páginas escritas por estudantes universitários.

Boa leitura!

Alexandre Barbosa, é o responsável pela disciplina Conceitos e Gêneros do Jornalismo. Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP), Mestre em Jornalismo Comparado (ECA-USP), Especialista em Jornalismo Internacional (PUC-SP), Jornalista (UMESP). Pesquisador e professor do Celacc (Centro de Estudos Latino-americanos sobre Comunicação e Cultura, núcleo de pesquisa e extensão da USP), professor doutor de Jornalismo da ECA-USP e coordenador do curso de Jornalismo da Uninove. Autor dos livros “A Solidão da América Latina na Indústria Jornalística Brasileira” (Alexa Cultural) e Jornalismo em Gêneros, volumes I e II (ECA USP). Autor de artigos sobre Comunicação e Cultura popular da América Latina publicados em revistas científicas do Brasil e da América Latina.